

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

11 e 20 de Julho de 2022

IN MEMORIAM JACQUES PERRIN

LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT / 1966

As Donzelas de Rochefort

Um filme de Jacques Demy

Argumento, diálogos e letras das canções: Jacques Demy / *Diretor de fotografia (35 mm, Eastmancolor, Cinemascope):* Ghislain Cloquet / *Cenários:* Bernard Evein / *Guarda-Roupa:* Jacqueline Moreau / *Música:* Michel Legrand / *Coreografia:* Norman Maen / *Montagem:* Jean Hamon / *Som:* Jacques Maumont / *Interpretação:* Catherine Deneuve, dobrada nas partes cantadas por Anne Germain (*Delphine Garnier*), Françoise Dorléac, dobrada nas partes cantadas por Claude Parent (*Solange Garnier*), Danielle Darrieux (*a mãe de Delphine, Solange e Boubou*), **Jacques Perrin** (*Maxence, o marinheiro*), Gene Kelly, dobrado nas partes cantadas por Donald Barke (*Andy Miller*), Michel Piccoli, dobrado nas partes cantadas por Georges Blanès (*Simon Dame*), Henri Crémieux (*Subtil Dutrouz*), Patrick Jeantet, dobrado nas partes cantadas por Olivier Bonnet (*Boubou*), George Chakiris, dobrado nas partes cantadas por Romuald (*Étienne*), Grover Dale, dobrado nas partes cantadas por José Bartel (*Bill*), Jacques Riberolles, dobrado nas partes cantadas por Jean Stout (*Guillaume, o amante de Delphine*), Geneviève Thénier, dobrada nas partes cantadas por Alice Hérald (*Josette, a criada do café*), Pamela Harth, dobrada nas partes cantadas por Claudine Meunier (*Esther*), Leslie North, dobrada nas partes cantadas por Christiane Legrand (*Judith*), René Bazart (*o avô*).

Produção: Mag Bodard e Gilbert de Goldschmidt, para Parc Films e Madeleine Films (Paris) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 125 minutos / *Estreia comercial:* Paris, 8 de Março de 1967 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Império), 21 de Dezembro de 1967 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de Junho de 1993, no âmbito do ciclo "Agnès de 54 a 93".

A sessão de dia 11 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Muitos consideram **Lola** e **Les Demoiselles de Rochefort** como filmes complementares. Se em **Lola** já se encontram todos os temas e todas as fantasias de Jacques Demy, é nas **Demoiselles** que o seu sistema de cinema e a sua mitologia pessoal funcionam do modo mais pleno, com os meios para satisfazer as suas ambições (o que não seria o caso de **Peau d'Âne**) e o absoluto domínio do realizador sobre a matéria que trata. **Lola** parece sempre prestes a explodir em danças e canções, como uma comédia musical americana, mas isto nunca acontece, por falta de meios financeiros e é desta tensão que o filme tira a sua força. As ricas **Demoiselles**, com vedetas, em *cinemascope* e a cores, são uma autêntica comédia musical "à americana", contando inclusive com as presenças de Gene Kelly e George Chakiris e contendo citações específicas de **Gentlemen Prefer Blondes** e **West Side Story**. Estes são também dois filmes que atravessaram incólumes o tempo, o que talvez não se possa dizer de modo absoluto dos **Parapluies de Cherbourg**, por muito que este filme ainda faça correr lágrimas (ao lado da fluidez das **Demoiselles**, os **Parapluies** parecem rígidos e compostos). Os três filmes são situados em tristes cidades do litoral atlântico francês (e **Lola**, primeiro filme, na cidade natal do cineasta, Nantes), que Demy transforma em espaços quase mágicos, sobretudo o ensolarado espaço da Rochefort destas jovens (que certamente nada têm de *donzelas*, contrariamente ao que quer fazer crer o título comercial português), em oposição à chuva, presente já no título dos **Parapluies**, em que é um tema visual recorrente: o filme começa com uma *plongée* absoluta sobre a chuva que cai, mostrando o ponto de vista das gotas.

Demy acredita em contos de fadas e o seu sonho como realizador sempre foi reproduzir, de modo pessoal e num contexto francês, o artificialismo do musical e da *light comedy* hollywoodianos, cujas histórias rocambolescas são metáforas das relações amorosas, fábulas cinematográficas nas quais, de modo oblíquo e elegante, se desenvolvem aventuras melancólicas ou alegres, regidas pela dualidade entre a vontade e o acaso. E nunca como nas **Demoiselles** este tema foi explorado tão a fundo, com uma forma tão ligada ao cinema que o realizador mais ama e ao qual presta homenagem. Nunca Demy ousou tanto ser ele mesmo, vivendo o seu sonho de fazer um musical americano. Através dos três pares principais, formados pelos personagens de Deneuve-Perrin, Dorléac-Gene Kelly e Darrieux-Piccoli, é desenvolvido o tema central da obra de Demy: a busca do amor, do fulminante amor à primeira vista, o *coup de foudre*, que deve durar toda a vida. As duas irmãs e os seus parceiros, personagens apaixonados sem objeto de paixão, buscaram o amor que ainda não conhecem, ao qual ainda não dão forma humana: "*Est-il près, est-il loin, est-il à Rochefort? / Je l'ai cherché partout, mais je sais qu'il existe*", canta Delphine e Maxence cantará a mesma frase, com a mesma melodia, substituindo o *il* por *elle*. Num eco a esta situação, o par Darrieux-Piccoli, busca o amor perdido mas não esquecido, enquanto um

americano muito parecido com Gene Kelly se apaixona subitamente por Solange, mal vê o seu rosto. Seguindo um esquema clássico, de ilustre e antiga tradição francesa, Demy apresenta personagens que contrastam e se completam: as duas gêmeas, uma loura e uma ruiva, são as duas faces da mesma mulher e Demy explora a fundo o tema da gemação, com contrastes, simetrias e fusões. Elas são também duas pequeno-burguesas de província, que querem partir para Paris e sonham com o príncipe encantado, que lhes surge sob a forma, devidamente irreal, de um homem de outro mundo: um marinheiro "*pintor e poeta*" e um rico estrangeiro, personagens análogos aos de **Lola** e que pertencem à mitologia mais pessoal de Demy. Este jogo de afetos incertos e flutuantes, de tão antiga tradição no teatro e no cinema franceses, suscita inúmeras peripécias, com encontros, desencontros e reencontros, ao modo de Max Ophuls, a quem Demy dedicou **Lola**, porém sem o tom agridoce de Ophuls, num perfeito conto de fadas. Se acrescentarmos a isto os personagens do amante de Deneuve e o pacato senhor Subtil Dutrouz, temos ainda os temas do amor puramente carnal e um tanto venal, o amor sem reciprocidade, a paixão secreta e o amor que se farta de esperar e se torna feroz, pois o Sr. Subtil, que hesita em cortar um bolo de aniversário, mata uma mulher e a corta em pedaços (uma antiga dançarina das Folies Bergères, que ele cortejava há quarenta anos, sem êxito...). Há declarações de amor e convites para ir para a cama, há uma cena de ruptura, *flirts* sem consequência, um ligeiro perfume de incesto (Piccoli e Dorléac) e há até a imagem da conjugalidade mais tradicional, na sequência em que Dorléac e Gene Kelly se reencontram na loja de música e se afastam da câmara como dois noivos que entram numa igreja, além do reencontro entre Darrioux e Piccoli, à porta da escola, com o filho que tinham tido há dez anos. E através deste complexo emaranhado de situações e de personagens, o filme segue a tradição do *happy end*, pois todos os protagonistas encontram ou reencontram os seus amores, nem que seja depois do desenlace e da palavra *fim*.

Tudo em **Les Demoiselles de Rochefort**, mesmo a frustração do amante de Deneuve e a vingança do Sr. Subtil, se passa num clima ligeiro, despreocupado, alegre, num tom absolutamente eufórico. O humor e a fantasia de Demy aparecem a cada passo, no trocadilho sobre o nome do personagem de Piccoli ("*bonjour, Monsieur Dame*" ao invés do tradicional "*bonjour messieurs, dames*" lançado pelos clientes que entram num pequeno comércio); no *dripping* na galeria de arte (quando o filme foi realizado, a moderna pintura americana invadira a Europa; note-se o *mobile* de Calder e outras peças na galeria); nas letras das canções ("*Ela queria que fôssemos umas eruditas / E por isso passou a vida a vender batatas fritas*"); nos diálogos em (falsos) alexandrinos rimados durante o jantar, que parodiam o teatro clássico francês e despertam lembranças escolares em qualquer francês ("*- Vous n'allez pas faire des manières! / - Je m'exécute, si c'est une prière*"). Desde a primeira sequência em que os artistas chegam a Rochefort, como um circo que vai agitar momentaneamente uma pequena comunidade, até à partida do grupo em direção à mítica cidade de Paris, todo o filme se passa sob o signo do movimento. Movimento da câmara, movimento dos personagens, movimento da ação. Demy aproveita a apresentação do genérico para encenar um bailado ao modo de **West Side Story**, encadeia esta dança com a instalação da feira, também ao modo de uma dança e, sem interrupção, alça a câmara até à sala onde as duas irmãs gêmeas aparecem pela primeira vez e onde quase de imediato cantam a canção que as apresenta e identifica. A vida mais quotidiana e a fantasia do *musical* são simultâneas, pois o filme transforma a vida de todos os dias em extravagância, magnificando-a e por isto não é relevante que todos os atores, com a exceção de Darrioux, estejam dobrados ao cantar e que os atores americanos também o estejam ao falar: estes artifícios fazem parte do mais artificial dos géneros que é o musical (num movimento inverso, há uma versão do filme dobrada em inglês, **Two Girls of Rochefort**, com supervisão e *lyrics* de Demy).

O êxito artístico das **Demoiselles** vem também, evidentemente, do êxito da parte musical do filme, que não é aposta à ação mas faz parte da estrutura da obra, é a sua estrutura. Acaso ou não, o apelido das gêmeas é Garnier, nome do arquiteto da Ópera de Paris e, por extensão, do próprio prédio do teatro de ópera, Palais Garnier. O certo é que só aqueles que estão apaixonados cantam (nem Subtil, nem o avô das gêmeas o fazem) e Legrand dá a cada par de personagens a mesma canção-tema, num jogo de espelhos. Os meandros da ação permitem a Demy prestar homenagem ao trabalho dos dialoguistas do cinema clássico francês, porém sem nada do cabotinismo desta tradição, além de escrever letras extremamente variadas, com rimas preciosas ("*Sur son front, ses cheveux sont de l'or en bataille / Que le vent de la mer et le soleil chamailent*") ou humorísticas ("*Tu n'as pas peur qu'on fasse un peu putes?*"). Num luxo de pormenores, há um belo *pastiche* da canção realista ("*Dans le port de Hambourg, sur le pavé mouillé / Trois marins et l'amour, ça fait quatre paumés*"), frases de trompete ao modo de Louis Armstrong e um rachmaninoviano movimento de concerto para piano. Esta variedade musical participa do movimento perpétuo que é o filme e proporciona a cada sequência a sua duração exata. A emoção é sempre breve, jamais lânguida e todo o filme gira em torno do *suspense* afetivo, que se resolve no último plano, quando Maxence entra no camião que rumo a Paris, levando Delphine. Demy tem a sutileza de não mostrar o encontro dos dois, mas o espectador não tem nenhuma dúvida sobre o que se vai passar, pois não se esqueceu a frase de Delphine: "*Como ele deve gostar de mim, posto que inventou-me*".